

## DUAS LENDAS DOS INDIOS MAKUXI

EDSON SOARES DINIZ \*

### INTRODUÇÃO

Em março de 1964 tivemos oportunidade de assistir parte dos festejos em homenagem ao santo padroeiro da "vila" Surumu, povoado do Território Federal de Roraima, localizado à margem esquerda do Alto rio Surumu e que na época possuía uma população de 154 habitantes. A festa de São José reúne fazendeiros e vaqueiros, pessoas e até autoridades de Boa Vista, bem assim como elevado número de índios das circunvizinhanças, especificamente Makuxi e Wapixâna (1) que vivem em continuado contato com os regionais (2). Nessa ocasião, além de observações diretas e informações acerca do contato interétnico, colhemos as lendas ora reproduzidas. Nosso informante foi Avelino José Albertino, da maloca Tachi, um dos grupos locais Makuxi mais próximos da "vila", onde é pajé ou piacá (3). Avelino disse-nos, ao ser solicitado, que contaria a "história da sapa" e a "história do sol", porém preferia fazê-lo em seu próprio idioma, porque não sabia expressar-se bem na língua portuguesa. Militão, do mesmo aldeamento, encarregou-se de traduzi-las. Assim, após o narrador falar por etapas, o tradutor transmitiu-nos as seqüências. Ao transcrevê-las, embora sem deturpar nem os fatos nem o sentido, demos a forma correta no vernáculo.

(\*) Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

(1) Essas duas tribos indígenas têm suas culturas e sociedades amplamente entrelaçadas. No que diz respeito às lendas, por exemplo, a do Sol, aqui narrada, é semelhante à do «Cururú Fêmeas» obtida por D. Mauro Wirth entre os Wapixâna (cf. «Lendas dos Índios Wapixâna», in Rev. do Museu Paulista, nova série, vol. IV, 1950, pp. 165-216; pp. cit. 167-168). Igualmente, Wirth (op. cit.) refere as lendas intituladas «Os genros da Mucura» (pp. 205-208); «A Mucura, o Carapanã e o Plinícapau» (pp. 208-209); «A juriti Casa com a Filha da Mucura» (pp. 209-210) que são semelhantes àquelas relatadas por D. Alcuin Meyer (cf. «Lendas Macuxis», in Journal de La Société des Américanistes, n.s., XL, 1951, pp. 67-87) sob a denominação geral de Sorte de um Sogro Invejoso (op. cit., pp. 69-79) e subdivididas em quatro: O Pombô «pádapâda» e o sogro invejoso; A lontra «tura-rá» e o sogro invejoso; O mosquito «carapanã» e o sogro invejoso; O Carrapato e o sogro invejoso.

(2) Regionalmente os Makuxi e Wapixâna recebem a designação de Caboco, corruptela da palavra caboclo, em oposição ao termo Branco ou não indio (cf. Edson Soares Diniz, «O Perfil de Uma Situação Interétnica», Boletim do Museu Paraense «Emílio Goeldi», série Antropologia, n.º 31, Belém, 1966).

(3) As palavras grifadas, no texto, são da língua nativa.

### A SAPA

*Camaiuá*, (segundo o informante uma espécie de vespa), era marido de uma das duas filhas de Cobra Grande. Este muito observava seu genro e ao constatar que era trabalhador, pois caçava e tudo trazia para a casa do sogro (4), ofereceu-lhe como esposa sua filha mais nova (5). Por esse motivo duas onças, uma vermelha e outra pintada, ficaram enclimadas e resolveram matar *Camaiuá*. Fizeram flechas envenenadas com curare ou *urari*, próprias para sarabatana e foram esconder-se no caminho, onde o flecharam e mataram. Alguns dias depois, as duas onças foram à casa de Cobra Grande pedir em casamento as duas viúvas. Cobra Grande sabia que as onças haviam assassinado o marido de suas filhas e indagou-lhes: "o que vocês fizeram com meu genro?" As onças responderam que de nada sabiam e, fingindo pezar, perguntaram: "que rumo ele tomou?" O sogro indicou a direção e acrescentou que seu genro nunca deixou de regressar.

As duas irmãs comunicaram ao pai que as duas onças desejavam casar-se com elas e que não aceitavam, porque foram essas mesmas onças que mataram seu marido. Cobra Grande aconselhou-as que casassem, a fim de esquecer o falecido. Advertiu-as, porém, que verificassem se seus novos maridos eram bons caçadores como o fôra *Camaiuá*. Sabedores da desconfiança de seu sogro, as onças ficaram muito tristes.

As onças eram filhas da Sapa, *prênnossomon*, a quem contaram que o sogro desconfiava que não fossem bons caçadores. A Sapa respondeu-lhes que nada caçavam porque não tinham pucanga. Esta se constituía de dois pauzinhos ligados por uma linha, o instrumento, *sundi*, usado para amarrar ponta de flecha, e mais o breu, *maitiquin*, de encerar a linha. Então a Sapa, que havia engolido a pucanga dos filhos, lhes indagou: "vocês me darão caca se eu lhes devolver a pucanga?" E ao receber resposta afirmativa lhes entregou o precioso objeto. Logo depois as onças foram curar-se, tomaram banho e em seguida metiam o *sundi* no nariz, puxando-o pela boca. Terminada a cura, ficaram marupiara, isto é, afortunados. Na primeira caçada mataram um veado, porém deram à Sapa apenas a rabada e as canelas. A velha ficou decepcionada e logo que pôde apoderou-se da pucanga, engolindo-a novamente. Seus filhos em vão procuraram a pucanga, pois não podiam encontrá-la. Indagaram da Sapa onde estava, mas ela respondeu nada saber. Então as onças falaram com *Mangirá*, cobra preta que vive nos galhos das árvores, para acochar a cintura da Sapa, até que vomitasse a pucanga, o que de fato ocorreu. As onças voltaram a ser marupiara. Mas os *píd*, gente antiga ou primeira gente, cheios de inveja armaram-se para matá-las, tendo as onças a mesma sorte de sua vítima, *Camaiuá*.

### O SOL

Sempre que o Sol colocava no rio seu *morói*, tipo de armadilha de pesca feita de cipó, apanhava muito peixe. Mas, a partir de certo dia nada mais conseguiu. Intrigado com o acontecido, perguntava de si para si: "estará alguém roubando meu peixe?" Resolvendo verificar o que de fato ocorria, ficou de espreita até meia-noite e descobriu que o ladrão era o jacaré. Este ao ser agarrado pelo Sol, pediu-lhe que não o matasse. O Sol atendeu-o; porém cortou-lhe a língua e atirou-a no rio, dela se originando o peixe denominado *cará* ou *mazié*. Ao ouvir a ameaça do Sol de que o mataria se continuasse furtando seus peixes, o jacaré disse-lhe que daria sua filha em casamento se não o matasse. Feito o acordo, o jacaré convidou o Sol para ir à sua casa num domingo. Na véspera da visita combinada, o jacaré modelou sua filha em tabatinga. Mandou-a buscar água no igarapé, ela obedeceu, mas ao pisar na água derreteram-se-lhe os pés. O

(4) Durante o período em que o genro mora com o sogro, pelo menos, deve agir em função da matrilocalidade.

(5) A poliginia sororal era corrente entre os Makuxi, hoje é quase inexistente.

Jacaré resolveu fazer outra filha, mas precavido, trabalhou com cera de abelha. Ao concluir-la mandou-a fazer o mesmo serviço que havia ordenado à outra. Ela foi, encheu a cabaca, *uáí* mas, ao colocá-la na cabeça, o peso fez-a achar-se. O jacaré não se deu por vencido e tentou nova modelagem, desta vez em madeira da árvore samaumetra. Quando terminou esta terceira figura, ela transformou-se em gente. Seu pai mandou-a preparar caxiri de mandioca, *pracri* e caxiri de milho, *aníscu* (6).

No caminho para a casa do jacaré o Sol encontrou um filhote de japiim, *quinó-mucu*, levou-o consigo e o entregou ao futuro sogro. Esse disse à sua filha que criasse o xerimbado do Sol e mandou servir as bebidas que ela preparara. Após beberem, o jacaré disse ao Sol que a sua noiva ali estava e com ela podia casar. O Sol verificou que sua esposa não tinha vulva. Numa ocasião em que ela estava com as pernas separadas atirou entre suas coxas a casca da banana que ela dava ao xerimbabo, formando-se imediatamente o adequado órgão genital. Pouco tempo depois, a esposa do Sol ficou grávida. Após permanecer dois meses na casa do sogro (7), o Sol regressou à sua. Antes, porém, avisou à sua consorte que iria na frente e só algum tempo depois ela iria encontrá-lo. Indicou-lhe o caminho a seguir não esquecendo de dizer que havia uma encruzilhada, a estrada da direita era cheia de cerrado e a da esquerda era limpa. Deveria tomar a primeira, porque a segunda era "a estrada dos bichos". A mulher não seguiu a recomendação e foi pela estrada limpa, na qual encontrou a casa de uma velha que era avó (8) de duas onças. A velha indagou para onde se dirigia e ao saber para onde ia, a dona da casa informou que o caminho era outro, mas convidou-a para ficar e ela aceitou. A velha que era Sapa, pediu-lhe que catasse sua cabeça, mas advertiu-a: "não morde os pilhos do lado direito". A princípio a mulher do Sol obedeceu, mas ao tirar um pio do lado esquerdo da cabeça da Sapa, não resistiu à tentação e morreu-o, tendo morte instantânea. A Sapa escondeu-a, porém os seus netos quando chegaram da caçada descobriram o cadáver, dividiram-no e começaram a comê-lo. A avó pediu-lhes um pedaço, mas só lhe deram dois ovos que encontraram na barriga da mulher. A velha tentou cozinhá-los, mas a água não esquentava e os ovos chiaiam. Quando calculou que estivessem cozidos, retirou-os do fogo, colocou-os em uma cuia e, em seguida, no pilão para moê-los. Ao serem pilados, os ovos começaram a cantar. Não conseguindo seu objetivo, a velha colocou-os numa cesta. Ali os filhos do Sol, *Anéquê* e *Inquirá* alimentavam-se da paçoca de veado que a Sapa guardava em outra cesta próxima. Quando ela procurava sua comida, nada encontrava. Certa noite ouviu a conversa de dois meninos. No dia seguinte viu dois meninos sentados no chão e não sabia quem eram. Procurou os dois ovos e, então, descobriu tudo. Quando os netos da Sapa chegaram, ela pediu-lhes que não matassem seus dois filhinhos. As onças quiseram saber quem eram os meninos e a velha explicou-lhes.

*Anéquê* e *Inquirá* caçavam e pescavam para a Sapa, eram muito trabalhadores. Um dia, quando ficaram mais crescidos, correram atrás do passarinho *paricuarú*, *cáchi-pírdú*, este era encantado e cantou: "não fui eu que matei a mãe de vocês, foi a Sapa velha". Um dos irmãos perguntou se ouvira o canto, recebeu resposta afirmativa; os dois deixaram de perseguir o paricuarú e concordaram em matar a velha, cortando-lhe o pescoço. O primeiro deu um golpe de terçado, mas o pescoço da velha era duro e nem ficou ferido. A Sapa perguntou o que era aquilo, o rapaz então respondeu: "estou brincando com a senhora minha avó". O outro fez o mesmo que o seu irmão e também nada conseguiu. A velha fez-lhe a mesma pergunta e ele deu a resposta que o outro havia dado.

(6) Essas bebidas são tradicionais entre os Makuxi e nunca faltam nas ocasiões festivas.

(7) A matrilocaldade temporária foi respeitada.

(8) Nesta lenda a Sapa é avó, ao invés de mãe como na anterior.

Verificando que nada conseguiam usando terçado, os irmãos modificaram seu plano de eliminar a velha. Combinaram fazer uma roça e quando fôssem queimar-la, jogariam a Sapa no fogo. Julgando que ela iria explodir, construiram uma casa toda de paxiúba, para proteger-se. No dia marcado para a queima da roça, disseram à velha: "vovó, vamos queimar a roça". Ela retrucou: "eu também vou". A velha combinou com os filhos do Sol que gritaria na beira do roçado todos os nomes das plantas que cultivavam: milho, banana, cana-de-açúcar, mamão, batata, jerimum, melancia, melão, arroz, mandioca (9). Os dois irmãos fizeram uma estrada até ao meio da roça. A lenha era emburana, madeira que arde facilmente. Pediram à velha para atear fogo no meio do roçado. Anêquê e Insquirá se incubiram de colocar fogo na beirada. A velha, após fazer a sua parte, voltaria pela estrada. Mas, a emburana não faz labareda e quando a velha quis voltar estava cercada pelo fogo. Os dois irmãos entraram na casa que haviam construído. Quando a Sapa explodiu, pedaços de pedras incandescentes caíram em cima do abrigo, mas nada aconteceu aos filhos do Sol.



---

(9) Conservamos a ordem que o tradutor referiu.